

**CONEXÃO**  
**HIRSCH**

**NOSTALGIA**  
**OBSESSÕES**  
**E VIAGENS NO TEMPO**

**CARLOS ROMERO CARNEIRO**

Editora Penalux  
Guaratinguetá, 2017



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro  
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br  
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO  
França & Gorj

REVISÃO  
Clara Romero de Souza Carneiro  
Maria Helena Brusamolin

PROJETO DA CAPA  
Frede Tizzot

DIAGRAMAÇÃO  
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

---

C289c CARNEIRO, CARLOS ROMERO. 1977 -  
CONEXÃO HIRSCH/ CARLOS ROMERO CARNEIRO. -  
GUARATINGUETÁ, SP: PENALUX, 2017.

152 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-5833-198-2

1. ROMANCE I. TÍTULO

CDD.: B869.93

---

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura Brasileira

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida  
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.



— Você pode ficar o dia todo aí. Não há nada neste túmulo.

— Do que está falando?

— Está no lugar errado. Não há nada aí.

— O senhor deve estar louco!



CONEXÃO  
HIRSCH



**E**m cada canto da cidade era possível ver a cruz no topo do jazigo, bem acima de todas as outras. O jovem estava diante de um mausoléu de oito metros de altura, erigido sobre uma base cúbica de dois metros. Ao centro, o busto de um velho de barbas longas era ladeado por tochas de concreto com chamas que falseavam movimento. Sobre a superfície, vasos com espinhos ressecados emprestavam uma aparência mórbida e indicavam que o responsável pelo jazigo parecia não se preocupar com a sua manutenção. Havia algo de estático no ambiente. O último ato de um dos homens mais influentes da cidade estava entalhado nas pedras da antiga construção. Naquele cemitério, rodeado por eucaliptos que envolviam os pequenos lotes, a atmosfera parecia

imune às variações do tempo. Ao redor, o som dos motores que sofriam para arrastar os carros velhos ao topo da colina era abafado por uma proteção invisível.

Desde a morte do pai, Gabriel percorreria com regularidade aqueles corredores estreitos. Ao caminhar por vielas de jazigos, observava as inscrições e epitáfios e inventava histórias sobre o fim daquelas pessoas. Sentia-se em um álbum onde as figurinhas que faltavam, inclusive ele próprio, levavam uma vida displicente na cidade. Entre túmulos e carneiras, experimentava sensações que se mesclavam em variações nem sempre sutis. Delírio, medo, cólera, êxtase. Havia, ali, um farto reservatório de possibilidades e quase ninguém percebia por que, ao deixar o lugar, sentia-se eufórico ou catatônico.

Em uma tarde chuvosa, ao buscar informações para uma de suas reportagens, Gabriel abrigou-se em uma capela próxima aos portões de entrada e notou que, em um túmulo bem à frente, estampava-se a fotografia de uma criança morta, impressa em superfície de louça ovalada. Aquela imagem com um cadáver duro sobre a bancada o impressionaria de forma tal que os traços do menino de sete anos, que trajava um paletó três números maior, permaneceriam entalhados em suas retinas. O rapaz não descansaria até descobrir quem foi o garoto que ensaiava um sorriso com as mãos dispostas sobre um ramalhete de lírios. Nos meses seguintes, buscou informações com parentes próximos, vasculhou os breviários da sacristia e descobriu, através de uma benzedeira que conhecia a vida de todos os que passaram pela Capituva, que os longos cachos crespos que adornavam o corpo

disposto sobre o balcão de granito eram resultado de uma promessa mal sucedida. Ele só teria os cabelos aparados quando a moléstia que o dificultava ingerir alimentos sólidos fosse curada, milagrosamente. Encabulado com as histórias que ouviu, Gabriel chegou a acreditar que também havia contraído a doença e, ao dormir, sentia como se algo estivesse entalado em sua garganta. Parecia tão fascinado pelo drama da criança que médico nenhum diagnosticou que, naquele mês, o seu jornal não seria publicado. Enquanto perdia peso e a vontade de tocar a vida, calculava o sofrimento dos pais, imaginava como teria sido a morte do garoto e refazia o trajeto do cortejo em direção ao jazigo pintado de azul. Levou tempo até se livrar da obsessão. Com receio de ter ido longe, jurou esquecer o caso, jogou fora as anotações e nunca mais tocou no assunto. Depois de tantos meses longe dali, o jornalista acordou determinado a fazer a última visita ao cemitério, em busca de informações sobre um fazendeiro homenageado com sete bustos, espalhados pela Capituva. Não poderia contar, no entanto, que seria surpreendido por um velho com quem tinha pouca afinidade, mas que parecia saber algo a seu respeito.

— Desde que montou aquele escritório, eu percebi que era um sujeito excêntrico — disse o homem de feição agradável, voz branda e que aparentava uns setenta anos. — Um jornal de notícias velhas, nos fundos de um armazém!? Que loucura!

— Minha intenção sempre foi satisfazer leitores assíduos como o senhor — respondeu o rapaz, ao caminhar por uma fileira de sepulturas, procurando manter uma distância segura entre os dois.

— Você é bom no que faz! — disse o velho. — Sempre leio as suas coisas e até poderia imaginar que veio em busca de informações sobre o Coronel. Nós sabemos que o motivo é outro!

— De onde tirou essa ideia? — Gabriel queria sair dali, mas estava disposto a descobrir o que ele tinha a dizer. Se as especulações fizessem sentido, talvez tivesse que enfrentar as línguas da cidade e isso era algo que não estava mais disposto a tolerar. Depois de tantos anos perambulando por aqueles becos, alguém teria notado as suas motivações?

Escorado em um jazigo sem reboco, o velho demonstrava insistência em dizer o que pensava, indiferente ao desconforto do rapaz. Havia segurança em seus gestos. O homem não vacilava. Seus movimentos precisos, mas ponderados, não revelavam uma hesitação própria de quem fala sem pensar.

— Sempre que ia ao armazém, via você naquela redação improvisada, metido entre documentos e fotografias velhas, e me perguntava por que um rapaz de vinte e poucos anos estaria disposto a fazer aquele tipo de trabalho. Levou tempo até perceber que o seu interesse vai além dos fatos. O que você quer é absorver as energias. Sentir o que estas pessoas sentiram! Pode até não se dar conta, mas está atrás é dos fluidos confinados!

Embora tentasse se desvencilhar, Gabriel compreendia as insinuações daquele homem. A satisfação ao ouvir canções de outras épocas, o sentimento ao caminhar por velhas construções ou observar detalhes de uma foto desbotada produziam sensações que não podia explicar. Estava claro que as suas matérias eram uma forma de ampliar as fronteiras de

uma cidade onde bem pouco acontecia mas, até então, ninguém parecia ter notado. Quais eram as intenções daquele velho? — “Fluidos confinados...” — poderia render uma boa pauta.

— Por que disse que eu não encontraria nada aqui? — perguntou o rapaz, inclinado em frente ao jazigo do Coronel. — Este é um dos túmulos mais antigos do cemitério!

— Os restos do Coronel foram incinerados quando a filha caçula morreu. Imagino que tenha criado uma porção de histórias e estava certo de que o homem foi tudo o que pensou. Não há mais nada neste lugar!

Gabriel permaneceu em silêncio. Tentava entender como aquele homem poderia ser tão enfático sobre algo pelo qual tinha uma vaga intuição. Enquanto refletia sobre insinuações que poderiam soar estranhas a qualquer outro, foi interrompido pela voz eloquente do velho.

— Você foi mais influenciado pelas histórias que ouviu do que pelas energias gravadas no sepulcro. O túmulo mais imponente do cemitério... no ponto mais alto da colina. Eu também ficaria impressionado!

Ao contornar a construção, o rapaz encontrou uma pequena porta atrás do túmulo e abaixou-se para examiná-la. As partições, que mais pareciam beliches, estavam vazias, motivo pelo qual não haviam sido lacradas após a última exumação.

— Não há nada aqui — disse, ao avaliar o interior do jazigo.

— Venha — respondeu o velho. — Há algo que eu quero lhe mostrar.







Composto em Alegreya e  
impresso em Pólen Bold 90g/m<sup>2</sup>  
em São Paulo para Editora Penalux,  
em maio de 2017.